

NOVAS CONTRIBUIÇÕES DA LINGÜÍSTICA PARA A FONOAUDIOLOGIA

Maria Francisca de A. F. Lieber-De Vito*

O tema proposto para esta mesa-redonda tem como título “novas contribuições” para a fonoaudiologia. Eu começo dizendo que, no caso da lingüística, as ‘novas’ contribuições são, num certo sentido, ‘velhas’. Esclareço essa afirmação remetendo-a diretamente ao modo de produção de novidades nas ciências humanas. ‘Novidades’ resultam de um constante movimento para trás, de releituras persistentes e de reconsiderações sistemáticas: toda ‘progressão’ se realizará sobre o corpo de uma retroação e como ressignificação. Nesse caso, deve-se dizer que as fissuras teóricas brotam num ambiente de passado.

Basta lembrar que a noção de discurso, em Pêcheux (1969), é tributária de uma releitura crítica da oposição língua/fala – mais especificamente do pólo ‘fala’ – em Saussure. Leitura afetada, por sua vez, por releituras outras como as de Marx e Freud. A noção de *ideologia* renomeada/redefinida por Althusser (baseada em Marx), como força de *inter-*

* Departamento de Lingüística e DERDIC, PUC-SP

pelação do indivíduo em sujeito, destitui de poder, tira do centro o sujeito psicológico,¹ na medida em que essa força lhe escapa, lhe é exterior. É um 'sem-pre-já-lá', um movimento que captura. O sujeito não será outra coisa que lugar e terreno do funcionamento que o atravessa,² será *sujeito assujeitado*.

'Exterioridade', assim conceituada, remete à anterioridade lógica (não cronológica) da ideologia em relação ao ser. É exterioridade que assujeita no modo mesmo de 'interpelat' o sujeito a ocupar um lugar no sistema de produção. Ora, não é outra coisa, afinal, que a noção de língua supõe: a de um funcionamento que não muda, não se altera segundo a vontade de um sujeito (Saussure, 1916; caps. 2 e 3, I parte), este é que é 'capturado'³ pelo funcionamento. Ao lado dessas considerações, deve-se enfatizar que é inerente à própria noção de *inconsciente* em Freud que o sujeito é determinado a partir de um lugar que lhe escapa ao controle.

Nos vãos desse entrelaçamento teórico entre disciplinas, a idéia de 'liberdade individual', impressa na concepção de 'fala', é revisitada. Um 'novo' conceito é engendrado: o de discurso. Pode-se dizer, então, que as contribuições de Marx e Freud para a lingüística, pelas mãos de importantes (re)leitores⁴, foram as de que conceitos por eles forjados se constituíram em 'instrumentos de leitura', nos termos de Pêcheux (1969). São 'instrumentos' na justa medida em que servem para 'inspecionar'. Eles "não são feitos para dar respostas mas para colocar questões", diz Paul Henry (1990:36). Ao penetrarem no ambiente teórico da lingüística, transformaram essa disciplina, abriram campos de questões

-
1. O sujeito psicológico é aquele assumido como sede da consciência. É aquele que percebe, escolhe, decide e delibera com clareza. É aquele entendido como fonte e origem de seu dizer e como central de processamento de informações.
 2. Devo esclarecer que não se está falando de um 'solo pacífico'. A ideologia ou, como quer Pêcheux, as formações ideológicas são espaços heterogêneos e contraditórios. Nesse caso, seria ingênuo ou equivocado supor que se trata de uma 'subjetividade' sem conflito, homogênea, sem divisão.
 3. Expressão que tem sido utilizada por Cláudia Lemos.
 4. Penso em Althusser, Pêcheux, Lacan e mais recentemente em estudiosos da análise do discurso de linha francesa como P. Henry, F. Gadet e E. Orlandi.

e ali foram também transformados, expondo, nesse arranjo, sua relação de mútua afetação. Assim é que 'ideologia' não será, nesse novo ambiente, conceito desligado do lingüístico, mas remeterá a um 'já dito' que assujeita aquele que fala a 'dizer/não dizer x', ou a 'dizer x de um certo modo'. O ideológico, afetado pelo lingüístico, remeterá a redes de sentidos, não a um conjunto de representações desligadas da linguagem. Ou seja, o lingüístico (aí) não é algo que mapeia significados constituídos independentemente dele. Desse modo, 'ideologia' passa explicitamente a implicar aquilo que se designa como 'memória lingüística'. Essa reviravolta atrela irremediavelmente o sujeito à linguagem.

Pode-se dizer que desde meados do século XX a produção nas ciências humanas (e particularmente na disciplina que nos interessa aqui) tem sido marcada por 'retornos'. Basta lembrar que Althusser faz um retorno a Marx. Lacan, um retorno a Freud. Lévi-Strauss revê a antropologia. Na lingüística, todo o movimento cisionário da década de 1960 é reflexo dessas releituras 'instrumentalizadas', afetadas por leituras outras. Lacan vai a Freud via Saussure e Jakobson, passando por Marx e Lévi-Strauss. Esse último, por sua vez, passa pelo estruturalismo pelas mãos de Jakobson⁵. A análise do discurso de linha francesa nasce com Foucault e Pêcheux e no encontro de noções de Saussure com outras de Marx e Freud (via Althusser e Lacan). Quer dizer, lê-se Saussure a partir de um certo modo de olhar. De outro lado, lê-se as ciências sociais com 'instrumentos' importados da lingüística. O interacionismo em aquisição da linguagem⁶ começa também a se rever no pano de fundo de uma leitura de Saussure e Jakobson e essa já sob o impacto da releitura que deles fez Lacan na psicanálise (cf. Lemos, 1992).

Encontros fecundos – 'bons encontros' entre essas disciplinas. Encontros que resultaram em aprofundamentos teóricos, em ampliação do campo de questões, em riqueza de explicitação de conceitos e em outras vias de penetração

5. Ver prefácio que o autor faz a *Seis lições sobre o som e o sentido*, de Roman Jakobson. Lévi-Strauss declara que "Hoje, melhor do que nunca, com o passar dos anos, reconheço que foram os temas destas lições [as de Jakobson] que mais fortemente me marcaram" (1977:11).

6. Refiro-me especificamente ao interacionismo desenvolvido com base na proposta de Cláudia Lemos.

nos mistérios da linguagem. Diante disso, parece-me que o 'novo' que a lingüística pode trazer para a fonoaudiologia é o 'bom' resultado desses encontros decorrente do recrudescimento de um certo 'modo de produção', de compromisso com o teórico.

Que 'modo de produção' é esse? Eni Orlandi (no prelo), com Pêcheux (1982), diz que a lingüística não pode ser alocada no interior das ciências ditas positivistas⁷ na medida em que ela não visa acumular evidências para validar hipóteses, mas discute incessantemente seus pressupostos e, importante, o faz *no espaço indistinto das relações entre disciplinas*: o lingüista opera no *entremeio*, no espaço crítico do conflito gerado pelo enfrentamento de conceitos engendrados em áreas diferentes e que estabelecem entre si uma relação de contradição.

A noção de *contradição* repele, é avessa à de *interdisciplinaridade*. Esta nutre-se da ilusão de um entrelaçamento sem conflito entre objetos diferentes, ou seja, prevê a possibilidade de acomodação harmoniosa de entidades teóricas de uma área no interior de outra. 'Contradição', diferentemente, põe em cena o fato de que produtividade é fruto da *diferença* que aflora no encontro entre disciplinas. Irrompe, mais precisamente, na zona de resistência que se estabelece entre elas. Contradição impede pensar, portanto, em composição, em complementaridade. Não é esse, com certeza, o modo de produção que caracteriza as ciências humanas⁸.

A relação entre lingüística e fonoaudiologia é, ao que parece, tão antiga quanto a origem da fonoaudiologia como disciplina. Isso, talvez, porque o fonoaudiólogo deve 'avaliar' o que acontece com o falar de seu paciente. Quer dizer, é *compulsório* não desviar o olhar da linguagem. Por essa razão, a fonoaudiologia não pode evitar um encontro com a lingüística. Entretanto, deve-se

7. H. Parret (a sair) também chama a atenção para isso. Na medicina, diz ele, um avanço implica, via de regra, o abandono de técnicas ou terapêuticas anteriores: o novo faz o anterior 'velho'. Na lingüística (e nas ciências humanas) o 'novo' e o 'velho' ressignificado.

8. Quando se sucumbe à ilusão de interdisciplinaridade, questões são veladas, a contradição aplacada, a diferença subtraída. O que disso resulta é um movimento de *aplicação*. Sobre esse assunto, ver Lier-De Vitto (1994).

dizer que essa aproximação tem sido raramente fecunda. A pergunta que faço é: a que se deve esse estado de coisas?

Num diagnóstico breve e nem por isso superficial, eu diria que o acontecimento lingüístico que frequenta a clínica⁹ não tem se constituído em lugar privilegiado de investigação. O mistério que ali circula e que escapa ao fonoaudiólogo pode ser (em grande parte) atribuído ao modo de aproximação que se realiza entre a fonoaudiologia e a lingüística. Esclareço: o fonoaudiólogo, para 'avaliar' a linguagem, lança mão de instrumentais descritivos amputados de constructos teóricos da lingüística, caracterizando o que Motta Maia (1985) designou "tema do empréstimo", referindo-se a uma aquisição de linguagem que se aceita como *área de aplicação* da lingüística. Quer dizer, faz-se uso de aparatos descritivos sem se refletir sobre a lógica do dispositivo teórico que o motivou. Dissocia-se, desse modo, a arquitetura de seu alicerce e põe-se a perder a solidez da construção.

Ora, a lingüística nasce como ciência (e "ciência piloto das ciências humanas") exatamente no momento em que abandona a tendência descritivista/comparativista que se sustenta na idéia de naturalidade e transparência da linguagem. Ao duvidar da descrição, põe-se em pauta o estatuto do 'dado'. Eles deixam de ser espaço de formulações de hipóteses e passam a lugares de confirmação de hipóteses¹⁰. Nesse ambiente nasce a lingüística. Nasce com Saussure e com sua afirmação de que *relações têm primazia sobre elementos*. 'Dados' são produtos/efeitos de relações, de um funcionamento. O que se espera desvendar é a lógica desse funcionamento.

A descrição de um *corpus*, de um conjunto limitato/estrito de produtos, deixa de ser amostragem representativa das combinações possíveis que o funcionamento pode gerar¹¹. Não há instrumental descritivo que abarque as possi-

9. Acontecimento lingüístico que, diga-se de passagem, não é menos estrangeiro à lingüística.

10. Duvida-se de sua transparência, da possibilidade de acessá-los a 'olho nu'. Dado, a partir de então, é aquilo que a teoria diz que é dado.

11. Basta lembrar, por exemplo, Saussure (1916 [1970]:15) que nos diz: "Bem longe de dizer que o

bilidades infinitas de combinações. O virtual que a expressão ‘infinito’ põe em cena fura e desqualifica as descrições. As patologias de linguagem, aliás, mostram isso. Elas não cabem nas descrições, mas ainda assim expressam combinações. São linguagem.

Chomsky sempre se opôs à tendência empirista de classificação – foco principal do ataque que faz ao estruturalismo americano (cf. Lyons, 1976). Fazendo uso das palavras do próprio autor, “uma língua é uma coisa completamente diferente de um *corpus*” (Ducrot e Todorov, 1982:59). Para ele, dados não são amostragens do funcionamento. Como tem chamado a atenção Cláudia Lemos (1994a), a única empiria admitida por Chomsky é a “intuição do falante nativo”. Ele apela diretamente para ‘julgamentos de gramaticalidade’, descartando análises de materiais factuais. Em outras palavras, Chomsky apela para o ‘saber’ do falante. Também a ‘criatividade lingüística’ – a capacidade que este tem para produzir e entender enunciados *jamais* ouvidos – é expressão do desapego ao fenômeno, ao dado. Novamente, o que está em questão é o saber/funcionamento capaz de gerar e interpretar o *jamais* dito/*jamais* ouvido. Em outras palavras, o empírico de Chomsky remete sempre ao saber do falante.

Dados são exemplos/contra-exemplos que confirmam/não confirmam uma predição teórica. Quando confirmam uma hipótese sobre o funcionamento da língua, o dado referenda a hipótese, quando não, ela fica sujeita à ‘re-elaboração’. Note-se que, nesse sentido, os dados são espaços de interrogação, de questionamento para a teoria e nisso reside sua importância decisiva e fundamental. Mas note-se: eles são definidos no espaço teórico, são objetos teóricos. Vê-se que a teoria não é generalização proveniente de dados acumulados como evidências. Ela diz respeito a um conjunto de hipóteses sobre o funcionamento da língua. Quer dizer, uma teoria não é montada, construída pelo viés da classificação ou quantificação de ocorrências mais frequentes. Pelo contrário, estas

objeto procede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto...” e Chomsky (1965) quando diz que o desempenho não é amostragem de competência.

é que são tornadas possíveis pela teoria. É ela que dita e delimita o que deve e pode ser 'visto', o que do material é digno de consideração.

Aplicações matam, interrompem o trânsito entre material factual e teoria e criam a ilusão de autonomia e transparência do dado (cf. Lier-De Vitto, 1994). Aplicações descartam, além do mais, o que é condição necessária em ciência: a de que hipóteses sejam falseáveis. Hipóteses tornam-se regras invioláveis, verdades finais sobre a linguagem e tornam aquele que dela *faz uso* um aplicador – não um investigador, já que nem a regra é questionável, nem ele se deixa abalar por 'contra-exemplos'.

Na fonoaudiologia, as aplicações parecem ter como efeito a elaboração de 'taxonomias às avessas', como diz Lúcia Arantes (1944). Quer dizer, elas servem para dizer o que o paciente 'não faz', 'não produz' e que é, do ponto de vista de uma certa lingüística, não-lingüístico. Em aquisição da linguagem, aquilo que escapa à regra transformada em norma é não-linguagem, não cabe nos limites definidos para o lingüístico. É significativa, a esse respeito, na área de aquisição da linguagem a expressão 'pré-lingüístico' (Lier, 1983). O nó paradoxal, o intrigante dessa situação, foi iluminado por Jakobson para quem tanto a linguagem em constituição como a em deterioração são reflexos de um funcionamento e, portanto, acontecimentos de interesse para o estudo da linguagem.

Se no dispositivo teórico de Chomsky tem lugar apenas o 'saber' da língua, o 'erro', o 'agramatical', o 'inaceitável' ficam excluídos. O funcionamento que interessa é aquele que responde exclusivamente pelas sentenças gramaticais. Como compatibilizar esse ponto de vista com a fonoaudiologia, pergunto? Diferentemente, Jakobson (que se inspira em Saussure) é provocador. Para ele, funcionamento é movimento que faz relações. Movimento que implica a possibilidade do equívoco, do deslize. Se Chomsky volta-se para a lógica e a matemática, Jakobson tem os olhos direcionados para a poesia, para a aquisição e para a patologia, ou seja, para aquilo que desobedece, vaza e irrompe perturbando o 'lógico'. Isso deve interessar à fonoaudiologia porque não será qualquer concepção de linguagem que poderá concernir ao fonoaudiólogo, sempre colocado diante de um acontecimento lingüístico em que a regra é, por assim dizer, o irregular, o assistemático, o inaceitável (cf. Andrade, 1994; e Arantes, 1994).

Se, como diz Maria Tereza Lemos, o compromisso do pesquisador da aquisição da linguagem deve ser com a “fala da criança” (e compromisso envolve uma questão propriamente ética), o mesmo deve valer para o fonoaudiólogo no que concerne à fala do paciente. Compromisso obriga a uma tomada de posição frente: *a de não lançar mão de qualquer teoria lingüística*. Eu disse, no início da minha fala aqui, que a aproximação entre fonoaudiologia e lingüística tem sido infrutífera, relação que tenho designado por meio da expressão ‘mau encontro’. Tenho insistido em dizer que o diálogo possível entre fonoaudiologia e lingüística deve passar pelo crivo da discussão teórica e acrescento, pelo compromisso com a fala do paciente – condições que considero necessárias para um ‘bom encontro’. Pensando no debate entre analogistas e anomalistas, polêmica que nasce com os estudos da linguagem entre os gregos, eu diria que os fonoaudiólogos não podem se alinhar com os analogistas por um impedimento ético, por um obstáculo de compromisso com o acontecimento lingüístico que transita nos consultórios.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, L. (1994). Língua e sinais e aquisição da linguagem. In: LIER-DE VITTO, M. F. (org.). *No sentido da linguagem*. São Paulo, Cortez.
- ARANTES, L. (1994). O fonoaudiólogo, esse aprendiz de feiticeiro. In: LIER-DE VITTO, M. F. *Fonoaudiologia, no sentido da linguagem*. São Paulo, Cortez.
- CHOMSKY, N. (1965). *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, Mass., The MIT Press.
- DUCROT, O. e TODOROV, T. (1982). *Dicionário das ciências da linguagem*. Lisboa, Dom Quixote.
- HENRY, P. (1990). Fundamentos teóricos da ‘análise automática do discurso’ de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, F. e HAK, T. (1990) (orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas, Editora da Unicamp.
- JACKOBSON, R. (1977) *Seis lições sobre o som e o sentido*. Lisboa, Moraes.

- LEMOS, C. (1992). Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio. *Substratum*. 1(1).
- _____ (1994a). Língua e discurso. *Anais do 3º Encontro de Aquisição da Linguagem*. PUC-RS.
- LEMOS, M.T. (1994b). *A língua que me falta: uma análise dos estudos em aquisição da linguagem*. Campinas, Unicamp. (Tese de Doutorado.)
- LIER, M. F. (1983). *A constituição do interlocutor vocal*. São Paulo, PUC. (Dissertação de Mestrado.)
- LIER-DE VITTO, M.F. (1994). *Os monólogos da criança: delírios da língua*. Campinas, Unicamp. (Tese de doutorado.)
- LYONS, J. (1976). *As idéias de Chomsky*. São Paulo, Cultrix.
- MOTTA MAIA, E. A. (1985). A dialética da gênese e do empréstimo na constituição da psicolingüística. *DELTA*, São Paulo, Educ. (1):95-106.
- ORLANDI, E. (no prelo). Fato, dado, exterioridade. In: CASTRO, M. F. P. (org.). *Sobre o método e o dado nos estudos da linguagem*. Campinas, Editora da Unicamp.
- PÊCHEUX, M. (1969). Análise de conteúdo e teoria do discurso. In: GADET, F. e HAK, T. (orgs.). *Op. cit.*
- _____ (1982). Sur la (dé)construction des theories linguistiques. *DRLAV* (27):1-24.
- SAUSSURE, F. (1916). *Curso de lingüística geral*. São Paulo, Cultrix, 1970.

Recebido em mar/95; aprovado em maio/95.